

Suplemento Cultural

Obras de Dom Francisco de Aquino Corrêa

RUBENIO MARCELO –
SECRETÁRIO-GERAL DA ASL

Por ocasião do lançamento do meu novo livro (Veleiros da Essência), esteve conosco em Campo Grande – vindo de Cuiabá especialmente para o nosso evento – o amigo acadêmico Eduardo Mahon, presidente da Academia Mato-Grossense de Letras (AML). E, dentre as lembranças cuiabanas a mim presenteadas (nesta visita) pelo ilustre confrade, um inestimável presente: a Coleção Completa das ‘Obras de Dom Francisco de Aquino Corrêa’ – edição especial de 1985 (comemorativa do Centenário de Nascimento deste que foi o segundo Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do IHGMT, do IHGSP, da AML e da Academia Brasileira de Letras).

Idealizada pela Academia Mato-Grossense de Letras (na então presidência de Lenine de Campos Póvoas) e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (na gestão de Luís Philippe Pereira Leite) e organizada pelo acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva (da AML), a referida coleção (três volumes e oito tomos), impressa no centro gráfico do Senado Federal, é assim formada: - Volume I (três tomos): Poética de Dom Aquino (Odes, publicadas originariamente em 1917; Terra Natal, de 1919; e Nova et Vetera, de 1947); - Volume II (três tomos): Discursos de Dom Aquino; - Volume III (dois tomos): Cartas Pastorais de Dom Aquino. A edição traz apresentação do saudoso ensaísta e orador Pedro Calmon (antigo confrade de Dom Aquino na ABL), que assim afirma num trecho: “Eis o notável poeta, o orador magistral, o pastor inspirado, que não podia fazer no esquecimento a que se recolhem os medíocres, mas tinha de ressuscitar na publicação dos inéditos, na reimpressão dos volumes esgotados, na reapresentação da lira harmoniosa, que deu com ele na Academia Brasileira – e o eleva à



Arcebispo Metropolitano de Cuiabá – Dom Francisco de Aquino Corrêa, ilustre poeta/escritor, membro da ABL

categoria máxima dos vates patricios”.

As Odes Poéticas de Dom Aquino são enfeitadas, nesta Coleção, em três partes:

“Psalmódias”, “Melodias” e “Rapsódias”. Em ‘Terra Natal’, temos poemas sobre o seu Estado (versos a Mato Grosso), com enfoque para a natureza, cidades, vultos e feitos históricos, tradições etc. Já em ‘Nova et Vetera’ (poesias novas e velhas) figuram versos considerados novos à época (“Versos de Agora”) e outros timbrados como antigos (“Versos de Outrora”).

No tocante aos Discursos de Dom Aquino, temos 85 peças nos três tomos da Coleção, inclusive a sua emblemática oração de posse na Academia Brasileira de Letras (em 30 de novembro de 1927), que se inicia assim: “Triste e paradoxal condição é, de quem entra para a imortalidade das academias, depararem-se-lhe, desde logo, os troféus da morte, no vestibulo desses olímpicos terrestres, onde se não devesse respirar, senão o perfume das coisas eternas, como as ambrosias, os néctares e os louros. Assim é também hoje, neste salão azul, cor das atmosferas siderais, em que vejo cintilar, na doce atração dos afetos superiores, a mais formosa constelação de intelectuais da minha pátria, lembrando-me o verso sagrado do florentino: Luce intellectual piena d’amore!”.

E as Cartas Pastorais de Dom Aquino (produções de 1922 a 1954) compendiam registros autorais intitulados: “Testamento do Vosso Arcebispo”, “O

“

“No tocante aos Discursos de Dom Aquino, temos 85 peças nos três tomos da Coleção, inclusive a sua emblemática oração de posse na Academia Brasileira de Letras (em 30 de novembro de 1927).”

Bispo Auxiliar do Vosso Arcebispo”, “O Congresso Eucarístico de Cuiabá” e “Maria ou Morte”.

Relembrando a oratória de Dom Aquino Corrêa, o crítico Medeiros e Albuquerque asseverou: “Não se perde uma sílaba de tudo o que ele diz – é um orador perfeito”. Sobre a arte literária do inesquecível Arcebispo cuiabano, disse o escritor Antônio de Arruda: “Sua literatura foi semelhante à sua vida: fidalga, acolhedora, idealista, sábia”. E acerca da sua verve poética, assim afirmou o acadêmico José de Mesquita: “Poeta, mais que tudo, Dom Aquino o foi; e, dos atributos que possuiu, enobrecedores e altíssimos, foi este o que constituiu o seu mais lúdimo padrão de glória”.

Último de quatro irmãos, Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá/MT, em 2 de abril de 1885 (uma Quinta-Feira Santa), e desde cedo revelou sublime inteligência, dedicação aos estudos e pendor religioso. Homem de Deus e da Pátria, faleceu em São Paulo em 22 de março de 1956. Após a morte, Dom Aquino foi assim definido, em oração, pelo seu sucessor, Dom Orlando Chaves: “Foi um gênio e foi um santo”.

NOS CAMINHOS DO BONDE

ELIZABETH FONSECA

Tive a imensa felicidade de percorrer nos caminhos do Bonde, ou melhor, do Bondinho. É fascinante e retrospectivo andar de bondinho pela cidade, apreciar lugares históricos, imaginar a vida das pessoas que ali viveram na época dos “anos loucos”; os rapazes com seus trajes embonecados, calça afunilada, casaco curto, ajustados ao corpo, e as moças com cortes de cabelo “à lá Chanel” traziam no sorriso maroto todo o frescor da época, com vestidos de cintura baixa exibindo faceiras suas panturrilhas. Deixando no ar uma atmosfera de muito charme.

Imaginar que a primeira linha do Bondinho paulista, em 1871, ele era puxado por burros – do trecho Centro – Praia do Boqueirão... E só foi modernizado em 1909 pelo sistema elétrico, ligando o centro da cidade de Santos à primeira cidade do Brasil, que é São Vicente.

O nome Bonde vem de uma interessante denominação; vem de cautela das apólices de empréstimos contraídos no século XIX com a Grã-Bretanha, tendo como garantia a emissão de bonds (“bônus”, “debêntures”, “títulos a receber”), e explorada pela empresa Botanical Garden Railroad. A emissão de cupons que serviam de bilhetes com a palavra “Bond” estampada, e exibia a figura do veículo, e logo a palavra Bond tanto pronunciada virou Bonde, e o veículo também, que ficou charmoso e carinhoso na pronúncia.

A cada época o seu valor, a sua conquista, e havia de caminhar nos trilhos, olhar nas vagas longínquas o que vinha de lá do outro lado do mar, e sonhar ser qual a Europa, cheia de encantos, e colocar o Brasil em destaque no mundo. Era devido manter um padrão de luxo, serem barões, e saber que um dia a vida leva tudo, como navios que partem depois de abastecidos.

Mas voltando ao passeio, tomamos

o Bondinho escocês de 1911, na Praça Mauá, para um tour pela cidade de Santos. A sensação era de ter voltado no tempo; condutores com uniformes em tom Caques, junto com seus Quepes, o tímpano anunciando a partida, a guia contando histórias dos lugares percorridos pelos caminhos do Bonde... Palácios, igrejas, Outeiro, alfândega, e muito mais. Em tudo a presença de ilustres personagens de nossa história, cravada nos rococós, ostentada nos imponentes casarões que através de seus vitrais, arestas, veem-se um Brasil a exemplo da Europa; prédios arquitetados em estilo eclético, azulejos portugueses, e preservados para que a história não fique submersa.

Posso ainda imaginar quantos romances na fantasia de um bonde... Moças graciosas, moços bonitos de cabelos bem penteados fazendo a corte, e os mais cuidadosos com suas almofadinhas levadas para suportarem o banco duro do Bondinho... Daí o termo “almofadinha”. E quantos encontros teriam sido marcados no bonde!... Ou ainda aquelas que ficavam vendo o bonde passar, para apenas fletar com os passageiros, o que lembra a música de autoria de Ramos Cotoco: “Na rua onde o bonde passa/ Moça não pode engordar/ Não trabalha, não faz nada,/ leva a vida em namorar./ Se o bonde passa, estão na janela/ se o bonde volta, inda estão elas,/ namoram todos, é um horror,/ os passageiros e condutor./ Conheço umas que moram,/ onde o bonde não passa,/ que dizem fazendo troça,/ esta rua é uma desgraça”.

O Bonde também trás ditos populares como: “pegou o bonde andando”; para aqueles que entram no meio de uma conversa sem saber do assunto, “tomar o bonde errado”; se dar mal, ou ainda “comprar um bonde” – fazer mau negócio, ser ludibriado.

O brasileiro é criativo mesmo!... Merece um bonde!

POESIA

BEDUÍNA

Trazes na luz
Dos teus grandes olhos negros,
Crepúsculos
E romances de amor ardente.
No teu corpo moreno
- Ânfora da vida,
Há a placidez lasciva do Nilo...
Teus seios têm a beleza
E a maciez das dunas do deserto
Ao nascer das arvoradas.

Teu beijo de mulher oriental,
Tem sabor de tâmaras
Colhidas no frescor das noites.
Nos teus róseos lábios,
Onde moram as luzes das auroras,
Sorvo o doce licor
E me embriago nos sonhos de ventura.

Por Alá
- Com Ele todo poder e glória,
Tu seguirás o meu destino.
Armaremos nossa tenda
Em outras terras
E seremos venturosos.
Não serei mais nômade,
Pois, tu és o oásis da minha salvação!

HUGO PEREIRA DO VALÉ

Reviro

HELIO SEREJO

Comidita de várias iguarias, misturadas com o resto da tamiú do dia ou do anterior.

Se a mistura é feita somente de milho e feijão, o grude tem o nome de cajarê-comandá. Se azedou pelo excesso de calor, fica sendo yacaruyvaí.

Quando está dura mesmo de engolir, o homem do erval, no seu apurado espírito satírico, lhe dá o nome de yaguá-tembiú; mas fazendo cara feia manda-a para o bucho porque sabe que para llorar hay tiempo, e o que no hay mimo, é tempo para se perder.

Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso, e, pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.

O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva.

A combinação de vários elementos, torna-o forte e substancial.

Se lhe agrega um “poquito” de palmito, então, a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer.

Com um simples guaicuru, e num sapuaitê, tudo fica pronto, e o kuimbaé está listo para ir namorar e se envaidecer com a caáguara.

No reviro, como, também, no lôcro, nós encontramos, sempre, a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa.

Mas o peão da fronteira, que também arranha o guarani, sabe que reviro-cunhá, significa, na linguagem brejeira dos ervais: misturar-se com a mulher, ‘juntar os baxeiros’ com ela, para uma noite de carícia e amor!...

E é este, o reviro que ele mais aprecia quando sai para farrear um pouco, e joga para um canto, o facão guaçu e o laço Pará, bem trançado...

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CHÁ ACADÊMICO COM ‘ENFOQUE DA LITERATURA UNIVERSAL’ – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidar seus

membros e amigos para a “Nova Dinâmica do Chá Acadêmico”, que acontecerá no próximo dia 26/06 (quinta-feira), às 19 horas, na sede da ACP (Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rua Rui Barbosa – centro). Na

ocasião será ministrada, pelo renomado advogado e vice-presidente da ASL, acadêmico Abrão Razuk, uma concisa palestra sobre o relevante tema “Enfoque da Literatura Universal”. Interessados serão bem-vindos.